

Para citar esse documento:

BEZERRA, Raphaelly Souza. Contribuições do PIBID Dança da UFRN para o processo avaliativo em arte no contexto da sala de aula. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 272-286.



www.portalanda.org.br

CONTRIBUIÇÕES DO PIBID DANÇA DA UFRN PARA O PROCESSO AVALIATIVO EM ARTE NO CONTEXTO DA SALA DE AULA.

Raphaelly Souza Bezerra (SME/RN)*

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões sobre experiências pedagógicas, com enfoque no procedimento avaliativo, vivenciadas nas aulas de Arte das turmas de 5º ano da Escola Municipal Professora Zeneide Igino de Moura, Natal/RN, a partir de uma parceria com o subprojeto PIBID Dança da UFRN. O presente artigo pretende discutir a importância da avaliação dentro do processo de ensino-aprendizagem em dança, e discorrer a respeito das contribuições que o referido programa vem dando às avaliações da disciplina de Arte em nossa escola. As aulas têm como principais referências os estudos de Isabel Marques, Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, sendo baseadas na perspectiva de um estudo contextualizado e crítico da dança por meio de encontros dialógicos (práticos e teóricos). Ainda em andamento, a parceria entre Escola e PIBID vem desempenhando importante papel no fomento a compreensão das dimensões estéticas e sociais das artes no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: DANÇA. AVALIAÇÃO. PIBID. ESCOLA.

ABSTRACT: This work presents reflections about pedagogical experiences, focusing on the evaluation procedure, experienced in the Art classes of the 5th grade classes of the Municipal School Professor Zeneide Igino de Moura, Natal/RN, from a partnership with the subproject PIBID Dance of UFRN. This article intends to discuss the importance of evaluation within the teaching-learning process in dance, and to discuss the contributions that the said program has been giving to the evaluations of the Art discipline in our school. The classes are based on the studies of Isabel Marques, Paulo Freire and Ana Mae Barbosa, and are based on the perspective of a contextualized and critical study of dance through dialogical (practical and theoretical) meetings. Still in progress, the partnership between School and PIBID has played an important role in fostering understanding of the aesthetic and social dimensions of the arts in the school context.

KEYWORDS: DANCE. EVALUATION. PIBID. SCHOOL

INTRODUÇÃO

Por muitos anos na história da educação brasileira o ensino da arte esteve caracterizado como atividade complementar, tornando-se disciplina obrigatória somente em 1996, com a nova LDB Nacional (Lei n. 9.394/96). A demora no reconhecimento das artes como componente curricular na escola, somada a sua divisão em diferentes linguagens com saberes específicos, ainda que dialógicos entre si, trouxe e traz aos professores da área dúvidas sobre importantes procedimentos pedagógicos, dentre os quais destacamos aqui a Avaliação.

Nesse interim, pretendemos com este trabalho proporcionar reflexões a respeito das contribuições que o PIBID¹ Dança da UFRN vem dando aos processos avaliativos em Arte desenvolvidos nas turmas de 5º ano, da Escola Municipal Professora Zeneide Igino de Moura, localizada na cidade do Natal (RN), ao possibilitar que os alunos tenham sua aprendizagem avaliada a partir de diferentes atividades (práticas e escritas) pensadas, discutidas e aplicadas sob múltiplos olhares.

Buscamos ainda suscitar discussões quanto à necessidade de se pensar a avaliação em dança, no âmbito escolar, numa perspectiva que relativize e adeque os critérios de análise do rendimento de aprendizagem dos alunos, às especificidades da área artística estudada, e as contribuições para a formação do licenciando em

¹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Este Programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais para que atuem em escolas da rede pública de ensino, com o intuito de antecipar o vínculo do graduando com a sala de aula e promover uma articulação entre o ensino superior e a educação básica (escolas estaduais e municipais).

Dança ao participar de maneira mais completa de um processo pedagógico na escola, incluindo a avaliação.

Como principais referenciais teóricos para o direcionamento da disciplina, bem como deste trabalho, recorreremos às concepções sobre ensino da arte de BARBOSA (2009); às discussões a respeito do estudo da dança no ambiente escolar apontadas por MARQUES (2003), e às reflexões trazidas por FREIRE (1996; 2014) quanto à necessidade de práticas pedagógicas dialógicas, que estimulem a autonomia e criticidade do aluno.

Utilizamos também direcionamentos nacionais e municipais que orientam quanto à estruturação dos currículos escolares das escolas públicas, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte do Ensino Fundamental – PCNs (1997); e os Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental: Artes (2008), da cidade do Natal. Em ambos os textos, existem apontamentos para a abordagem em sala de cada uma das quatro linguagens em que se divide o ensino da arte na escola: artes visuais, dança, música e teatro.

No que diz respeito à avaliação em dança, enfoque deste trabalho, os PCNs trazem orientações quanto às formas de avaliar, onde se destacam aspectos como análise/avaliação em grupo, autoavaliação e criações artísticas que compõe o universo da linguagem estudada, bem como enfatizam a importância do professor incluir-se dentro do processo avaliativo. Segundo esse documento, os critérios que devem basear a escolha dos procedimentos avaliativos são:

Compreender a estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõem o seu movimento [...] Interessar-se pela dança como atividade coletiva [...] Compreender e apreciar as diversas danças como manifestações culturais (BRASIL, 1997, p. 97).

Outro ponto importante a ser frisado, trata-se da ligação entre os aspectos dos Parâmetros Curriculares aqui abordados e os referenciais teóricos utilizados em nossas aulas. Ao incentivarmos o aluno a avaliar os seus colegas e a si próprio, por exemplo, pretendemos estimular sua autonomia, capacidade crítica e criativa.

Vale salientar, que compreendemos os critérios avaliativos em dança, anteriormente expostos, não somente como pontos que irão basear o “como” mensurar o nível de compreensão dos alunos a respeito do que foi estudado em sala, mas também enquanto possibilidades para pensarmos as metodologias, estratégias e objetivos das nossas aulas.

Mais do que analisar qualitativa e quantitativamente a aprendizagem do educando, a avaliação é, segundo JORBA e SANMARTÍ (2003), um recurso que evidencia parte do currículo oculto do professor, nela é possível reconhecer seus objetivos implícitos “que são aqueles que, seguramente, destacou de forma significativa no processo de ensino, e aquele que os alunos perceberam como mais importantes” (JORBA; SAMARTI, 2003, p. 24). De acordo com estes autores:

[...] é sobre a avaliação que gira o trabalho escolar. Não apenas condiciona o que, quando e como se ensina, como também os ajustes que devem ser feitos para atender a diversidade de necessidades geradas em aula. Um bom dispositivo de avaliação deve estar a serviço de uma pedagogia diferenciada capaz de dar resposta aos interesses e dificuldades de cada aluno (JORBA; SAMARTI, 2003, p. 24-25).

Faz-se necessário, dessa maneira, compreendermos a existência de subjetividades que perpassam qualquer processo pedagógico, independente da área de conhecimento. Contudo, em nosso campo de atuação, as artes, negar a existência de diferentes realidades e multiplicidades de olhares frente aos objetos de

estudo, vai de encontro à própria essência da disciplina, que tem dentre seus objetivos, expostos em documentos que regem o componente, fomentar a capacidade imagética, desenvolver a sensibilidade e compreensão estética dos educandos. O conhecimento em arte, segundo os PCNs:

[...] abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (1997, p. 20-21).

Flexibilizar e relativizar o ensino é fundamental para que possamos contemplar as diversidades presentes em sala, e, para tanto, buscamos em nosso planejamento conjunto (professora supervisora e bolsistas do PIBID Dança da UFRN), refletir sobre como adaptar não somente conteúdos e metodologias, mas também a avaliação às características de cada turma, por entendermos que avaliar, conforme já exposto, não se trata apenas “dar uma nota” aos alunos, mas, antes disso, é um procedimento que pode apresentar-se como fecundo de possibilidades de aprendizado para educadores e educandos.

METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

Desde o ano de 2011, com a convocação dos aprovados no primeiro concurso para professor de Arte dividido por linguagens no município de Natal (RN), o ensino dessa disciplina passou a ser dividido em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Aos quartos e nonos anos do Ensino Fundamental foi designado o estudo do teatro; para os quintos e oitavos o de dança; o ensino de música foi destinado aos

terceiros e sétimos anos; primeiros, segundos e terceiros ano ficaram com as artes visuais².

Buscando nortear esta nova formatação de ensino, foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade do Natal (SME/RN), um livro de Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental para a disciplina de Arte. Neste documento podemos encontrar conteúdos, objetivos e sugestões de critérios avaliativos com o intuito de basear o trabalho deste componente curricular.

Com a chegada dos bolsistas do PIBID Dança da UFRN em nossa escola, realizamos uma pesquisa bibliográfica na área do ensino de Arte, em especial da dança. Unindo os Referenciais Curriculares Municipais e outros documentos que regem a educação brasileira, à obras de Ana Mae Barbosa, Isabel Marques, Rudolf Laban e Paulo Freire, criamos nossos planos de aula focalizados na aprendizagem significativa e crítica.

As atividades são criadas a partir das nossas leituras e diálogos, sendo estas divididas em momentos teóricos e práticos. As aulas são dialógicas, contando sempre com a participação ativa dos alunos e não somente com exposições orais da professora. Para os momentos teóricos são utilizados vídeos, imagens, mapas, textos, desenhos, entre outros recursos que venham a ilustrar os conteúdos estudados em sala. Nas aulas práticas, exercícios de improvisação de movimento e

² Foi destinado um ano a mais para o ensino de Artes Visuais em relação ao estudo de outras linguagens, durante os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, em decorrência do maior número de professores que trabalham com esta arte na rede municipal de educação da cidade. Conforme mencionado no início do texto, ainda é grande a disparidade entre a presença da dança e das artes visuais no currículo de Arte nas escolas brasileira.

composições coletivas e individuais de células coreográficas aparecem como os principais procedimentos adotados.

O presente trabalho baseou-se numa abordagem explicativa e descritiva fundamentada não somente nas obras investigadas durante os planejamentos das aulas de Arte – Dança em nossa escola, mas também nos livros utilizados em sala, os quais foram trabalhados de acordo com o nível de leitura e escrita dos alunos, observando as variações de faixa etária. Conceitos referentes aos estudos de Laban, por exemplo, explicados no livro Dicionário Laban, de Lenira Rengel, foram adaptados de maneira a facilitar a compreensão dos alunos sobre o assunto.

Como um dos pontos centrais para a estruturação metodológica da disciplina temos a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, concepção que mesmo tendo sido pensada na década de 80 para as artes visuais, ganhou grande repercussão no estudo de diversas linguagens artísticas no decorrer dos anos, configurando-se atualmente como umas das principais referências no ensino de Arte em nosso país. Fazer, Apreciar e Contextualizar arte aparecem então enquanto pilares fundamentais para pensarmos a estruturação das nossas aulas.

Optando utilizarmos a abordagem triangular para apoiar nossas escolhas didáticas, buscamos ainda dialogar com a pedagogia de Paulo Freire, que propõe como pontos essenciais no processo de ensino-aprendizagem: a leitura de mundo, a conscientização crítica partindo da contextualização da realidade dos alunos e a ação como forma de transformação, o que nos leva, num caráter mais amplo da educação e não somente das artes, a um apreciar, contextualizar e fazer nos estudos desenvolvidos nas aulas.

Buscamos, dessa maneira, estruturar nossas aulas de maneira a possibilitar aos educandos vivenciar a arte para além de somente “copiar movimentações” pré-definidas, mas antes compreender a dança e suas múltiplas conexões histórico-sociais. É preciso lembrarmos, no entanto, que as partes do triângulo proposto por Ana Mae “não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva de aprendizagem” (BARBOSA, 1998, p.40).

Encontramos também nos estudos de Isabel Marques um suporte para reflexão de um ensino da arte multifacetado, sendo estes voltados diretamente para a linguagem artística aqui discutida: a dança. Para essa autora: Fazer, Apreciar e História, são três importantes aspectos para um ensino crítico e transformador da dança. É possível citar como exemplos de algumas das atividades desenvolvidas em nossa escola, a partir destes aspectos: improvisação e composição em dança (fazer); observação e interpretação de apresentações coreográficas diversas (apreciar), e discussões sobre as características sócio culturais das danças estudadas (história).

É necessário frisar, porém, que não entendemos o contextualizar dança como somente versar sobre suas particularidades históricas, trata-se também de olhar para esta arte a partir de suas relações com outros campos de conhecimento, com o mundo. A partir disso:

A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruidor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, antropológico, etc (BARBOSA, 2009, p.39).

Os saberes múltiplos dos sujeitos devem apoiar a compreensão de uma dança. As relações entre arte e sociedade, e os relacionamentos entre os sujeitos apresentam-se também como fontes de contextualização da dança. Outro ponto importante mencionado na citação acima é a análise da obra como contribuição para a capacidade avaliativa do aluno. Entendemos em nosso trabalho o ato de avaliar como não sendo apenas um procedimento utilizado pelo professor. Avaliar não é apenas quantificar, mas é acima disso qualificar.

Estimular no aluno sua habilidade de avaliar, não significa apenas incentivá-lo a uma autoavaliação, refletindo sobre seus erros e acertos ao longo das aulas. É também mediar experiências pedagógicas que propiciem a este educando analisar criticamente uma produção artística, recorrendo, inclusive, à noções técnicas da arte para realizar suas considerações.

Pensando nessa função analítica que a avaliação pode desempenhar, é que buscamos em nossos planejamentos semanais (bolsistas e professora supervisora), encontrar caminhos metodológicos que aproximem o aluno dos conteúdos estudados, ao fazê-lo compreender esteticamente o objeto investigado, bem como suas relações de naturezas diversas: sociais, históricas, geográficas, etc. Quando o aluno entende aquilo que estuda em sala, também consegue construir diálogos com saberes oriundos de outras disciplinas e, principalmente, do seu cotidiano extraescolar, sentindo-se mais participante do processo educacional, mais estimulado e crítico.

Segundo FREIRE (2014), para que haja uma educação verdadeiramente significativa, é preciso inserir este educando na aula, dando-lhe voz, por meio de um ensino dialógico em que a comunicação estabelecida entre educador e educando

haja de maneira a respeitar os conhecimentos do aluno. A educação pelo diálogo, que compreende e respeita as diversidades, saberes e realidade deste aluno, afastando-se da concepção “bancária” de ensino, deve ser pensada, para Freire, desde o planejamento das aulas, onde o professor irá escolher o que vai refletir junto à turma, e como se darão estes diálogos.

Foi partindo desse pressuposto de uma educação que visa estimular a humanização do sujeito por meio do estabelecimento de conexões com os contextos dos educandos, é que nos utilizamos de conteúdos, estratégias de ensino e processos de avaliação que contemplem as características socioculturais e o grau de aprendizado dos nossos alunos. Inseridos em uma realidade escolar em que grande parte dos nossos alunos de 5º ano, turmas em que os bolsistas do PIBID Dança atuam, ainda possuem um baixo nível de leitura e escrita, e compreendendo que o estudo da dança possui múltiplas possibilidades de avaliar, é que optamos por não utilizar por ora as chamadas avaliações globais escritas.

É necessário destacar que acreditamos serem as avaliações escritas também importantes formas de mensurar a aprendizagem do aluno, contudo, dentro do nosso contexto de ensino, com alto *déficit* de alfabetização dos educandos, acreditamos que existem outras maneiras de averiguar o quanto nossas turmas estão compreendendo verdadeiramente o que é estudado em sala.

Os momentos que envolveram leitura e escrita, excluídos os tradicionais exames escritos bimestrais, deram-se principalmente em grupo, unindo alunos com melhor nível de leitura àqueles que ainda são considerados analfabetos funcionais. A presença dos bolsistas para auxiliarem esses momentos de leitura e escrita coletiva foi muito enriquecedora, tendo em vista que numa sala com alto número de

não alfabetizados, com a presença de somente uma professora na aula, torna-se inviável responder as perguntas de todos os alunos.

Dentre as diversas atividades avaliativas realizadas, relativas à análise de aprendizado das turmas de Arte-Dança da nossa escola, podemos destacar: utilização de linguagens artísticas diversas nas aulas como possibilidades expressivas para os alunos, criações coletivas em dança, atividades escritas sobre os assuntos estudados, apresentações coreográficas dos bolsistas seguidas de diálogos entre artista e público, rodas de conversas durante as aulas, exercícios de improvisação a partir de conhecimentos do universo da dança, brincadeiras que contemplam características da área artística estudada, entre outras.

Quanto às avaliações referentes à eficiência dos estudos desenvolvidos em sala para a aprendizagem em dança, destacamos os resultados das atividades escritas, desenhadas e compostas na forma de movimento; reflexão sobre os diálogos estabelecidos em sala, autoavaliação e avaliação em grupo (entre professora supervisora e bolsistas), como forma de verificar a eficácia dos procedimentos metodológicos e avaliativos utilizados.

As reuniões entre os bolsistas do PIBID Dança UFRN, que atuam na Escola Municipal Professora Zeneide Igino de Moura, e a professora supervisora acontecem quinzenalmente, figurando como espaços essenciais não somente para planejamento das aulas, mas também para ponderarmos sobre os pontos positivos e os que ainda devem ser melhorados em nossas aulas. A partir disso, nos é possível pensar os processos avaliativos integrados aos outros elementos dos planos de aula, tais como: conteúdos, metodologia e, principalmente, objetivos.

Um dos pontos que têm sido recorrentes nesses momentos de planejamento e durante aulas, trata-se do “como” suscitar o interesse dos alunos em participar do que propomos em sala. Ainda que num primeiro momento muitos ainda possuam a visão equivocada de que toda criança “gosta de Arte”, devemos lembrar mais uma vez da diversidade que compõe qualquer instituição de ensino. Somando-se isso ao avanço tecnológico atual, mesmo em escolas com alunos que vêm de famílias de baixo poder aquisitivo, nos deparamos em sala com o uso excessivo de aparelhos celulares e de brinquedos que estão em maior evidência no momento.

Buscando chamar a atenção do aluno para o que está sendo estudado, despertar seu interesse, é que professora supervisora e bolsistas do PIBID Dança procuram incorporar essas novas mídias e brinquedos da moda nas aulas, quer seja usando o aparelho celular para reproduzir as músicas utilizadas nas aulas práticas, ou usando os brinquedos como objetos possíveis de serem empregados em exercícios de improvisação/composição coreográfica.

Compreendemos assim que "as exigências da sociedade tecnológica - em permanente transformação - obrigam a um novo posicionamento sobre o sentido do que é educação, formação, ensino e aprendizagem" (KENSKI, 1996, p. 02). Para tanto, é fundamental a procura por formas que cada vez mais conscientizem nossos alunos sobre a importância daqueles momentos vivenciados na escola para a sua formação social, seu desenvolvimento crítico, empregando novos sentidos aos processos educacionais estabelecidos no dia a dia, em sala.

É preciso que conteúdos e estratégias sejam revistos a partir não somente das especificidades das disciplinas, mas acima disso por meio de um ensino

transversal em que “temas geradores”³ (FREIRE, 2014), atravessem as aulas, assuntos estes ligados à vida do educando. Nesse contexto, o olhar sobre o papel da avaliação na escola deve ser repensado de maneira a contribuir para o estabelecimento de uma educação verdadeiramente dialógica e humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ensino da dança nos deparamos não somente com a necessidade de encontrar formas de avaliar que atendam a diversidade presente em sala, mas que também contemplem as especificidades desta área de estudo. Dada a sua ainda recente inclusão no currículo obrigatório das nossas escolas, faz-se necessário buscar meios de avaliação que atendam a natureza desta linguagem, como forma, inclusive, de reafirmar sua importância e suas características dentro do processo de ensino-aprendizagem na escola.

Nesse contexto, o trânsito de saberes entre universidade e escola pública, proporcionado pelo PIBID UFRN, vem a somar nas ponderações sobre o papel da avaliação em sala, além de ampliar as possibilidades das formas de avaliar. Atividades em grupo como improvisações e composições coreográficas, por exemplo, são analisadas sob mais olhares que não somente o do professor, o qual, por vezes, devido o tempo reduzido da aula de Arte e o grande número de alunos por sala, não consegue verdadeiramente observar todos os alunos.

A presença dos bolsistas do referido Programa nas aulas de dança da Escola Municipal Professora Zeneide Igino de Moura, tem contribuído ainda para o caráter

³ Termo empregado por Paulo Freire para designar problemas vividos pela comunidade da qual o aluno faz parte, cuja superação não é por ele percebida.

criativo das aulas, proporcionando, conseqüentemente, um maior envolvimento e participação dos alunos na disciplina de Arte, a melhoria da assiduidade e a valorização e compreensão dos conteúdos referentes à dança.

Faz-se necessário destacar, entretanto, que as reflexões sobre avaliação apontadas neste trabalho encontram-se ainda em processo de construção, tendo em vista que ainda existe a parceria entre a nossa Escola e o PIBID Dança da UFRN. É possível destacarmos como resultados parciais: a maior compreensão dos alunos de especificidades que compõem a arte do dançar; a autovalorização e o entendimento de seus corpos enquanto agentes sincréticos advindos da nossa pluralidade cultural; contribuição para a reflexão sobre diferentes formas de avaliação em arte tanto para a professora supervisora como para os bolsistas envolvidos, e implementação de métodos avaliativos na disciplina de Arte-Dança na Escola aqui citada, que contemplem as especificidades da área estudada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** – 7. ed. rev. – São Paulo, Perspectiva, 2009.

_____. **Tópicos utópicos.** Belo Horizonte: Editora c/ arte, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, V. **Os jovens e a apropriação do conhecimento na sociedade atual.** Manuscrito não publicado, 1996.

JORBA, J. e SANMARTÍ, N. A Função Pedagógica da Avaliação. In: BALLESTER, M. (org.), **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Armed, 2003, p. 23.

MARQUES, Izabel I. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em PDF no site <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/artigo3.pdf>.

KENSKI, V. **Os jovens e a apropriação do conhecimento na sociedade atual**. Manuscrito não publicado, 1996.

*Mestre em Artes Cênicas (PPGArC/UFRN), licenciada em Educação Artística/Artes Cênicas (UFRN). Supervisora do Subprojeto Dança, Pibid/UFRN. Professora das disciplinas de Arte e Cultura Corporal nas redes municipal e estadual de ensino de Natal. É coordenadora e professora do Grupo de Pesquisa em Danças Populares – ANDANÇAS (SME). raphaellysb@hotmail.com